

O Desfazer da Máscara

Filipa Oliveira

Deveremos nós pintar a superfície da face, o que está dentro dela ou por detrás?

Pablo Picasso

Na sua primeira exposição individual na galeria Pedro Oliveira no Porto, Cecília Costa (Caldas da Rainha, 1971) apresenta “Novembro”, um conjunto de obras que se diversificam entre desenhos, fotografias e um vídeo.

O tema que percorre todo este novo trabalho prolonga uma pesquisa que a artista tem explorado nos últimos anos em torno da dobra, *le pli*. A dobra que surge como elemento que constitui e define o sujeito – o dentro é uma dobra do fora. Desta forma, a duplicidade insinuada por um interior (eu) e um exterior (mundo) do sujeito humano é unificada por uma linha de continuidade que os concilia e que impossibilita a sua separação.

O primeiro conjunto de desenhos expostos decorrem de fotografia prévias nas quais Cecília Costa sobrepõe dois auto-retratos (um de frente e outro de costas) nunca revelando a sua própria fisionomia. O desejo de revelar o processo de fabricação destas imagens conduziu a artista a uma série de pequenos desenhos onde volta a sobrepor os dois “eu” (o verso e o reverso), mas desta vez apenas com linhas e transparências, resultando numa interpenetração de fios e, conseqüentemente, dos “eu”. Nos novos desenhos a sobreposição das suas figuras colide agora numa imagem, transformando o cruzamento das linhas num emaranhado que envolve a cabeça da figura. Mais do que máscaras, estes labirintos de linhas pretendem ser casulos que guardam e escondem, sem no entanto sugerir um outro eu, uma nova face. A dimensão de auto-retrato, de impossível reconhecimento na imagem em si, é presente na escala

do corpo retratado que equivale à da artista, assim como no pormenor das suas botas.

O novelo/casulo que enclausura o rosto da figura é transposto da grafite e do papel para a imagem real, através das duas fotografias que expõe.

A segunda série de desenhos estabelece-se para desfazer o novelo. Uma vez limpo todo o emaranhado de fios, remanescem as linhas que definem o rosto e as suas expressões. A sensação que fica é a de que se a artista continuasse a puxar, acabaria por se desfazer a si própria. Estes desenhos exploram a ideia de como o ser humano pode, ou não, controlar as suas feições. Há algo de teatral nesta manipulação, como se estas caras se assemelhassem a marionetas cujas fisionomias e movimentos são controlados por fios. No entanto, a manipulação exercitada nestes desenhos não é superficial – apenas ao nível da pele – pois as linhas que a possibilitam originam do interior do ser, da alma, e são expelidas pelos olhos. Que se tornam a porta de acesso à intimidade e se constituem como a dobra que permite a continuidade entre as duas dimensões do “eu”.

No trabalho de vídeo, Cecília Costa emula o seu método fotográfico recente, apresentando-se novamente diante de si própria, com as costas ocultando a frente. O que o diferencia do trabalho fotográfico é a assunção por um dos “eu” do papel de sujeito activo que principia uma acção. Durante considerável parte do vídeo o espectador não compreende nem o movimento, nem a intenção, da acção, apercebendo-se apenas do barulho intenso de algo, possivelmente um plástico, a ser puxado. Até que lentamente, a figura activa retira o véu que a separa do seu reflexo. Um narciso que tudo empreende para se contemplar de novo. Seria o seu objectivo a libertação do eu, ou a possibilidade de contemplar a alma nos seus próprios olhos?

A coerência da pesquisa estética desta jovem artista ganha novo fôlego com esta exposição, solidificada num conjunto de trabalho agregado pela demanda da linha e da dobra.